

FRANCA, 200 ANOS, UMA VELHA QUE FEZ HARMONIZAÇÃO FACIAL

A anacrônica de hoje é, em parte, um plágio consentido do Marcos Nogueira, que mantém a excelente coluna “Cozinha Bruta” na Folha de SP. Cozinheiro amador, o jornalista Marcos Nogueira aborda a gastronomia de forma crítica e original. Uma de suas crônicas chamou minha atenção e não resisti ao plágio, pois ao escrever sobre São Paulo, escreveu sobre Franca também. Pedi ao autor, ele consentiu pedindo só pra não copiar. Vou dizer que é criação de IA.

A pizzaria da minha infância foi a Gasparini, no bairro do Cubatão. Começou numa esquina com mesinhas e cadeiras de madeira. tinha letreiro de neon e luz branca, forte, no salão. Entrava-se nela por uma enorme porta no alto de um ou dois degraus. A cozinha estava sob o comando da dona Iolanda Gasparini.

O forno não ficava à vista dos clientes – a pizza-show é uma tendência que só apareceu mais tarde. Não havia garçons, era o marido da dona Iolanda que trazia as formas de alumínio de algum compartimento oculto ao fundo do restaurante. As mesas de madeira eram cobertas com toalhas de pano com um quadriculado vermelho, verde e branco. Placas de madeira falsa revestiam as paredes, mas só do chão até a metade. No teto, não havia ventiladores com duas hélices a produzir um ronco que pode ser comparado ao dos drones atuais.

Não é a descrição de alguma pizzaria em particular, são cacos de memória colados num quadro que provavelmente não é muito fiel a nenhuma experiência real. Nogueira apenas deixou vir à cabeça, de forma genérica e embaçada, o ambiente de um jantar na década de 1960 em São Paulo ou Franca.

Se quisesse conhecer essa atmosfera, até pouco tempo podíamos ir ao Gasparini, ao lado da Santa Casa ou ao Barão na praça do mesmo nome, são dos poucos restaurantes antigos que resistiram mas, enfim, não posso recordar o que não vivi, como o Bar Indiano, Gratinado, Eduardo’s. Nenhum deles, dos poucos que restaram, no entanto, preservou o ambiente, a mobília e quinquilharias de antanho, foram repaginadas.

Franca é uma cidade que se recusa a envelhecer com dignidade. Prestes a completar duzentos anos no próximo dia 28 de novembro, quer se passar por juvenzinha: pinta o cabelo, faz harmonização facial e acha que ninguém percebe. Construções históricas, significativas de períodos como do café ou da cidade industrial desapareceram ou estão desaparecendo rapidamente – do Hotel Francano ao Clube dos Bagres, passando pelas casas dos barões do café, das modernistas e da sede urbana da AEC, são demolidas como se fossem empecilhos ao “progresso”. A “praça da matriz”, palco do footing por décadas no século passado, foi paulatinamente modificada para pior, a última intervenção arrasadora, desperdício de dinheiro público.

Para qualquer lado que se olha, dói demais ver construções antigas que, no afã de se modernizarem, acabam desfiguradas, deformadas, degeneradas, destituídas de alma.

A estação ferroviária da Mogiana da minha infância instalou vidros temperados, fez a limpa no setor de lâmpadas da Hidromar, uma pintura e se diz “restaurada” pela Prefeitura e pelos menos avisados.

O ímpeto da construção destrutiva, embora não seja exclusivo de Franca, aqui encontra terreno fértil. Pegue o Rio de Janeiro. Está cheio de botecos destruídos pelo excesso de empreendedorismo, mas também manifesta, em relação ao patrimônio histórico, uma reverência que não se vê por aqui. Franca é obcecada pela impermanência. Empresário francano entra no cio quando tem promoção de ladrilho hidráulico na Leroy Merlin de Ribeirão Preto ou no Eufrauzino.

Quando entope o banheiro do lugar, o dono já decide quebrar tudo, tacar máquina de vento para secar as mãos e aquele sensor de luz que sempre apaga enquanto você faz xixi.

Quem conhece as Zoropa (ostentação detectada), visita museus, castelos milenares e verifica que lá há pubs com séculos de serviços prestados ao etilismo. Seus salões são georgianos, vitorianos, mal iluminados, tudo em mogno, um pouco sebosos. Não têm uma tomada elétrica para o celular de cada cliente. O lugar é velho e parece velho, a freguesia gosta assim.

Em Franca esses lugares não existem mais. Um pouco de decadência estilosa ornaria bem com uma senhora de 200 anos. Obrigado, Marcos Nogueira.

Mauro Ferreira é arquiteto